



cadernos do ecb

**FICHA TÉCNICA****Diretora**

Inês Silva

**Diretor Executivo**

Nuno Rosa

**Revisão**

Zita Nogueira

Lucília Borges

**Secretariado**

Lucília Borges

**Capa**

Fernanda Baptista

Paulo Valentim

**Paginação, arranjo informático, publicação online**

Paulo Valentim

**Instituto Nossa Senhora da Encarnação  
Externato Cooperativo da Benedita**

Rua Cooperativa de Ensino

Apartado 197

2475- 901 Benedita

Telefone: 262 925 180

Fax: 262 925 185

ecb@inse.pt

http://ecb.inse.pt

ISSN:2183-8526

**SUMÁRIO**

Inês Silva [Diretora dos Cadernos do ECB]	
<b>Editorial</b>	<b>7</b>
Nuno Dias [Treinador de Futsal do Sporting Clube de Portugal]	
<b>Representatividade dos exercícios de treino em relação ao jogo</b>	<b>9</b>
Cipriano Simão [Animador/Técnico na Câmara Municipal de Alcobaça]	
<b>Programa de visitas “Era uma vez...”</b>	<b>19</b>
Carla de Pacífico Dias & Pedro Reis [Professora de Biologia do ECB / UIDEF, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa / Professor no Instituto de Educação, Universidade de Lisboa]	
<b>Educação em Ciência: Desafios do século XXI</b>	<b>25</b>
Inês Silva [Vereadora da CMA com o Pelouro da Cultura]	
<b>Atividade cultural no Ano Europeu do Património Cultural</b>	<b>39</b>
Ana Grazina e , Túlia Cabrita e Tânia Gaspar [Psicóloga no ECB; UIDEF, Instituto de Educação, Universidade Lusíada de Lisboa]	
<b>As competências parentais - a resiliência</b>	<b>45</b>
Gonçalo Ferreira Borges e Alexandra Medeiros [Aluno Engenharia Biomédica, FCT-UNL/ PHD Neurogenetics of Locomotion Lab CEDOC ]	
<b>Importance of Sensory Structures in Drosophila’s Graviception (Gravity Sensing)</b>	<b>55</b>
Marco Lemos [Diretor do Agrupamento de Escolas da Benedita]	
<b>Será o “Teste de Avaliação” um bom termómetro?</b>	<b>67</b>
Paula Cristina Ferreira [Professora de Português do Externato Cooperativo da Benedita/Gestão de Projetos Pedagógicos- Gabinete Observatório da Qualidade]	
<b>O Dilema dos Ouriços</b>	<b>75</b>
Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas da Direção-Geral da Educação	
<b>Ambientes Educativos Inovadores</b>	<b>77</b>
Maria Amélia Martins-Loução [cE3c – Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa]	
<b>A aprendizagem de redes de cooperação entre seres vivos: caso de estudo</b>	<b>79</b>

## O DILEMA DOS OURIÇOS

Paula Cristina Ferreira

Professora de Português do Externato Cooperativo da Benedita

Gestão de Projetos Pedagógicos- Gabinete Observatório da Qualidade

No inverno, os ouriços têm uma necessidade imperiosa e um problema terrível – aquecer-se com o calor uns dos outros. Se se aproximam demasiado, sofrem com os picos dos parceiros cravados na pele; se se afastam sofrem desalmadamente com frio, podendo até morrer. Devem então aproximar-se q.b. para que algum calor emane, aconchegue e ajude a suportar a temperatura inóspita e invernosa.

Arthur Schopenhauer, filósofo do sec. XIX, ao constatar a realidade do ouriço, extrapolou-a para a realidade do homem e refletiu sobre as relações humanas tão necessárias e tão difíceis de manter na medida em que há sempre contextos e pretextos para que não se efetivem da melhor forma.

Excluindo as relações familiares por não ser o nosso propósito, e concentrando-nos nas relações sociais e profissionais, verificamos, ainda que de modo subjetivo e em jeito de brincadeira, que *somos todos ouriços* em pleno inverno e todo o ano. Senão vejamos.

Ser professor sempre foi uma profissão que se estruturou com base nas relações humanas. O professor estabelece relações próximas, profissionais e cordiais, com os seus alunos, com os encarregados de

educação (quando é diretor de turma) e com outros professores. Neste contexto, entenda-se por “relações próximas”, relações diárias onde imperam as competências profissionais e humanistas, tais como: a entreatajuda, a colaboração, o espírito de equipa, o pensamento crítico e uma atitude empreendedora para resolver questões desafiantes e criar novidades expectantes.

Nos dias de hoje, arriscando a afirmar, mais do que nunca, o trabalho do professor é ou deve ser menos solitário, menos isolado. Atualmente, a tutela e as escolas promovem uma atitude mais humanista e mais comunitária, cf as plataformas *moodle* ou outras, os fóruns, o *facebook* de grupo restrito, os *padlets*, no horário, o tempo para o trabalho colaborativo, entre tantas outras possibilidades. Torna-se evidente o esforço que as instituições fazem no sentido de “aconchegar os ouriços” para que os propósitos sejam atingidos através da proximidade, pretendendo promover uma aproximação saudável onde as boas relações acontecem porque há disponibilidade, há vontade comum, há simpatia e cortesia, há um único caminho – o sucesso de todos com o envolvimento de cada um. Onde todos se “aquecem e ninguém se pica”.

À luz destas ideias, as escolas do presente, com o paradigma da Autonomia e Flexibilidade, exigem e exigem-se uma nova atitude. E, neste campo, há profundas (re) aprendizagens a fazer mesmo que paulatinamente. Tal como os ouriços aprenderam a aquecer-se sem se magoar, também as escolas, os professores e os alunos têm de repensar a sua participação/intervenção na vida escolar. Revela-se manifestamente importante, neste contexto, a adoção de um novo perfil para todos, minorando as não raras sensações e reações de aversão, de revolta e de indisponibilidade. Devem pois os nossos "ouriços escolares" ser flexíveis e disponíveis à voz do outro, pon-

derar e autoanalisar-se, conter-se a tempo, evitar atitudes exacerbadas que mais não fazem do que criar dor e mágoa, desespero e afastamento.

Não nos esqueçamos que, tal como os ouriços, necessitamos imperiosamente de aconchego, de calor humano para sobreviver, de atenção, salvaguardando obviamente um espaço saudável para a individualidade que, na realidade, é valorizado e incentivado através de um coletivo que se pretende também ele salutar, positivo e promotor de bem estar.

Se os ouriços aprenderam nós também podemos. Basta CRER!